

## Construções de Masculinidade(s): traçando uma cartografia em cinco anos de produção (2010-2015)

*Construcciones de Masculinidad(S): una cartografía en cinco años de producción (2010-2015)*

*Constructions of Masculinity(Ies): a cartography in five years of production (2010-2015)*

**Juliana de Almeida Ribeiro da Costa**

**Anna Paula Usiel**

**Resumo:** Com o objetivo de contribuir com estudos contemporâneos sobre masculinidades, este trabalho se propõe uma pesquisa, a partir da base de Periódicos da CAPES (combinando as palavras construção com masculinidade/masculinidades) com o intuito de dar contornos a uma pesquisa sobre homens frentistas de postos de gasolina. Foram considerados todos os campos (título, assunto e autor), entre 2010 a 2015, totalizando 95 trabalhos, dos quais são apresentados os principais. Entendemos que há ainda espaços para discussões a partir de perspectivas de gênero menos naturalizantes, e que a perspectiva de uma única masculinidade pode invisibilizar a multiplicidade dessas expressões.

**Palavras-chave:** Masculinidade. Gênero. Revisão temática.

**Resumen:** Con el objetivo de contribuir con los estudios contemporáneos sobre masculinidades, este trabajo se propone una investigación, a partir de la página electrónica de los Periódicos CAPES (Coordenación de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil), combinando las palabras construcción con masculinidad/masculinidades. Se consideraron todos los campos (título, asunto y autor), de 2010 a 2015, totalizando 95 trabajos, de los cuales se presentan los principales. Entendemos que todavía hay espacio para discusión a partir de perspectivas de género menos naturalizantes, y que la perspectiva de una única masculinidad puede invisibilizar la multiplicidad de dichas expresiones.

**Palabras clave:** Masculinidad. Gênero. Revisión temática.

**Abstract:** This paper propose a research about the academic studies that explore the constructions of masculinities, aiming to contribute to the elaboration of contemporary studies. To this compilation, it was used the advanced research of CAPES' (Upper-level Personal Improvement Coordination) site, matching the word construction with masculinity and after with masculinities. It has been considered all categories (title, subject and author) and the period from 2010 to 2015, totalizing 95 papers. The main researches are showed. We believe that is still possible the discussion about masculinities with less naturalizing perspectives, that propose diferents possibilities of experiences and that a unique perspective of masculinity may conceal the variety of these expressions.

**Keywords:** Masculinity. Gender. Thematic review.

**Juliana de Almeida Ribeiro da Costa** – Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**Anna Paula Usiel** – Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do LIDIS – Laboratório Integrado em Diversidade Sexual e de Gênero, Políticas e Direitos. Pesquisadora Associada do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ). E-mail: [uzielap@gmail.com](mailto:uzielap@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O presente artigo foi produzido durante a elaboração da tese de doutorado que visa discutir performatividades masculinas e construções de masculinidades no contexto dos postos de gasolina.

Os postos de gasolina parecem ambientes propícios à emergência de situações e encontros a partir das múltiplas performatividades de gênero. Entendemos que, ao mesmo tempo em que suscita a cristalização de estereótipos, esse cenário também parece possibilitar a emergência de rupturas.

Assim, escutando pessoas em geral e em contextos diferentes, como profissionais de uma distribuidora que comercializa combustíveis, pessoas internas à empresa que pensam sobre os postos mas que não lidam diretamente com eles, pessoas que atuam como instrutoras de treinamentos para frentistas, motoristas dessas unidades de treinamento, donos de postos, as próprias pessoas que atuam como frentistas, buscamos desenhar uma polifonia sobre essas pessoas que trabalham nas pistas, especialmente no que se refere às questões relacionadas à dimensão do gênero e às construções das masculinidades no contexto dos postos e para além deles.

No caso específico do grupo de frentistas, trata-se de colegas de trabalho com convivência intensa, configurando um espaço bem característico de homossociabilidade. Quando há baixa no movimento do posto, dispõe-se de tempo livre para conversar e, muitas vezes, não há chefes por perto que venham cercear a interação. Há ainda a interação com clientes, desde aqueles(as) que vão ao posto frequentemente para abastecer, passando por aquelas pessoas que entram e saem rapidamente e, ainda, motoristas de frotas de empresas.

Pretendemos discutir o que emerge nesse campo referente à dimensão de gênero nessas interações. O que há de aproximações e singularidades na atuação de homens e mulheres; o que aparece nos discursos das diferentes pessoas envolvidas nesse universo, como donos dos postos, frentistas, pessoas que pretendem atuar nesse campo, docentes envolvidos com a formação dessas pessoas e profissionais que atuam na comercialização de produtos e serviços para os postos.

Como passos preliminares da pesquisa, buscamos mapear o que já havia sido produzido sobre o tema das masculinidades no contexto dos transportes, o que envolveu não apenas frentistas, mas também taxistas, caminhoneiros e motoristas de ônibus.

Para isso, utilizamos a base de Periódicos CAPES, em buscas que consideraram diferentes combinações, com pesquisas, inclusive, em inglês, de produções no período de 2005 a 2015, em todos os campos de indexação (título, assunto e palavras-chave). A busca deixou evidente o quanto este cenário dos transportes não é estudado a partir da perspectiva de gênero, pois foram encontradas poucas produções com esse foco.

Para identificação das produções sobre o tema, foram feitos alguns cruzamentos entre os seguintes termos: *gas station attendant*, *men*, frentista, masculinidade, homens, relacionamentos, *relationships*, *gender*, gêneros, sexualidade, caminhoneiros, motoristas de ônibus e taxistas. E, tendo em vista que as primeiras buscas apresentaram poucos resultados diretamente relacionados à temática que pretendemos abordar, também, por meio do site da CAPES, fizemos uma pesquisa ainda mais abrangente sobre o tema das masculinidades, para além do contexto dos transportes. E esta é a proposta desse artigo: uma discussão sobre a temática da construção das masculinidades que aparece nas produções acadêmicas sobre o tema, no período de 2010 a 2015, a partir de eixos que dialogam com assuntos que surgiram na minha pesquisa de doutorado.

Se nos anos 80 e no início dos 90 ainda era possível confundir os estudos de gênero com estudos do Feminino e/ou com trabalhos sobre mulher(es), nas últimas décadas, os estudos sobre masculinidades têm aumentado. A própria utilização do plural aponta para discussões que se distanciam da perspectiva de que há uma única masculinidade, algo que remeteria a uma essência, de alguma forma presente e vivenciada pelos homens, ou uma hegemonia capaz de descartar as outras manifestações. Nesse sentido, as diferentes vivências do que seriam essas masculinidades são múltiplas e, portanto, apontam para construções que acontecem permanentemente e de forma singular.

Para realização dessa pesquisa bibliográfica, combinamos as palavras construção com masculinidade e, em seguida, com masculinidades. Foram consideradas as buscas em todos os campos (título, assunto e autor) e as produções publicadas no mesmo período

A primeira busca apresentou 77 resultados e a segunda combinação gerou 40 resultados. Por meio da análise cruzada entre os dois resultados, identificamos que algumas publicações foram apresentadas em ambas as buscas. Dessa forma, excluindo as repetições, há o total de 95 publicações.

Pretendemos colocar em discussão a predominância, nos diversos temas que se ligam ao campo masculinidades, de perspectivas que as tratam de forma naturalizada, sem considerar repertórios que apontem para construções e/ou emergências de subjetividades de forma singular.

Assim, propomos sete eixos para apresentação daqueles que entendemos ser os principais artigos de cada um desses temas abordados, totalizando 37 produções: construção de masculinidades; saúde e políticas públicas; trabalho; violência; educação; homossexualidade/transsexualidade; e mulheres, femininos e feminismos.

Foram consideradas aquelas publicações que tratam mais diretamente sobre questões de gênero e/ou temas que se aproximam mais das discussões encontradas no campo de pesquisa sobre os frentistas. Embora atuando em ambiente considerado insalubre, o cuidado com a saúde não parece ser uma preocupação para os homens com os quais conversei, o que reforça esse entendimento de algumas pesquisas de que homens tendem a ignorar a importância do cuidado do corpo. A violência apareceu em alguns momentos como algo presente na prática dessas pessoas que, de alguma forma, ficam em ambientes muito expostos. Os temas de trabalho e baixa escolaridade parecem dialogar com a atuação como frentista que, diversas vezes, é apontada como uma atividade escolhida diante da falta de opção, muitas vezes vinculada, também por essas pessoas, ao baixo nível de escolaridade.

## 1. Construção de masculinidades

Dentre as pesquisas que tratam sobre construção de masculinidades, vale mencionar o trabalho de Fernandes (2011), que, em sua tese, discute a construção da masculinidade a partir do conceito de masculinidade hegemônica proposto por Raewyn Connel, apontando que valores socialmente elaborados são transmitidos em função das necessidades históricas e contextuais. O autor utiliza a etnografia em salas de bate-papo de sites de relacionamento na internet e na Revista *Men's Health*. Já Jesus (2011) traz uma dimensão histórica, discutindo o papel das masculinidades em dois momentos: nas expansões colonial e imperialista dos séculos XVI a XIX e na construção de uma ordem internacional globalizada nos séculos XX e XXI.

Além disso, em 2013 é publicado na Revista de Estudos Feministas (REF) um dossiê sobre masculinidades que, dentre outros temas, tratou do conceito de masculinidade hegemônica, avaliando, também, as críticas atribuídas a este termo. Lago e Wolff (2013) elaboram a introdução, texto que foi indexado na pesquisa.

Neste dossiê, Adelman e Rial (2013) publicaram uma entrevista realizada com Raewyn Connel sobre sua trajetória intelectual e pessoal, além de contextualizá-la com sua obra, as principais questões tratadas sobre o feminismo e estudos de gênero.

Nesse eixo temático, certamente uma das produções que mais se destaca é a pesquisa de Connel (2013), também publicada no dossiê da REF, que revisita o conceito por ela mesma desenvolvido anteriormente, de “masculinidade hegemônica”. Sendo mencionado pela primeira vez em 1982, Connel aponta a necessidade de atualização desse conceito, sinalizando que, por exemplo, a dimensão histórica não é devidamente considerada na ocasião em que o conceito foi cunhado. Nos anos 80, a autora propõe esse termo, fazendo referência a um determinado tipo de masculinidade alcançada apenas por poucos homens, mas que seria totalmente normativa, caracterizando a maneira mais honrosa de ser um homem e que, em consequência, provoca todos os outros homens a se posicionarem em relação a isso, legitimando também, a reboque, a subordinação das mulheres em relação aos homens. Ela ainda destaca que a hegemonia não implica violência ou mesmo dominação por meio da força física, mas sim uma ascendência alcançada por meio da cultura, das diversas instituições e da persuasão.

A própria autora aponta o risco de que a ideia de hegemonia seja reduzida a um simples modelo de controle cultural, quando ignorados os processos de mudança que se dão ao longo da história. Ela sinaliza que a masculinidade não representa, então, um certo tipo de homem, mas uma maneira pela qual os homens se posicionam através de suas práticas discursivas. Outro aspecto importante apontado pela autora, que permeia, inclusive, os outros eixos temáticos que destacamos neste texto, é a ideia de que as relações de gênero são construídas também (e nós diríamos sobretudo) por meio de práticas não-discursivas, incluindo o trabalho remunerado, violência, sexualidade, trabalho doméstico e cuidado com as crianças, assim como através de muitas ações rotineiras quase automatizadas. Dessa forma, pensar em políticas públicas, em aspectos geracionais etc, aponta também para a discussão desses inúmeros repertórios que engendram as diversas perspectivas sobre masculinidades em suas faces mais efetivas, diríamos, longe de construções conceituais estritamente acadêmicas e mais próximas das práticas cotidianas.

E, por fim, ainda nesse mesmo dossiê, Adelman e Rial (2013) publicaram uma entrevista realizada com Raewyn Connel sobre sua trajetória intelectual e pessoal, além de contextualizá-la, com sua obra, as principais questões tratadas sobre o feminismo e estudos de gênero.

## 2. Saúde e políticas públicas

Muitas das produções sobre masculinidades apontam para a dimensão da saúde e várias das abordagens em termos de políticas públicas priorizam questões biológicas e de prevenção em detrimento de abordagens mais abrangentes, psicossociais, por exemplo. Destacamos aqui algumas pesquisas que propõem críticas a essa perspectiva biologizante e naturalizante desse campo.

No campo das políticas públicas, Vilella e Pereira (2012) tratam sobre o quanto as perspectivas sobre gênero adotadas especialmente no âmbito das iniciativas voltadas para os homens implicam, predominantemente, em medicalização. Discute-se o quanto uma concepção normativa de gênero pode atuar como dispositivo de controle dos corpos masculinos, reforçando, inclusive, a perspectiva de uma suposta masculinidade hegemônica.

Nascimento e Carrara (2012), discutindo o campo da saúde dedicado à intervenção sobre homens, apontam a diversidade de nomenclaturas para tratar dos homens na saúde como uma

sinalização da complexidade desse assunto: saúde masculina, saúde dos homens, política de atenção integral em saúde para homens, política de saúde do homem, são alguns dos termos citados pelos autores que, diante disso, apontam para algumas perguntas que emergem nesse cenário tais como:

De que homem se fala, para que contingente de homens as políticas de saúde se destinam, que articulações existem entre políticas voltadas para homens e outras políticas no campo da saúde, qual o lugar dos homens na saúde, que discursos são produzidos a partir da inauguração de uma política de saúde para homens? (NASCIMENTO; CARRARA, 2012, p.2583).

Os autores sinalizam que as políticas públicas parecem apontar para um dispositivo que, de certa forma, se assemelha ao biopoder, destacando que as iniciativas desse campo, muitas vezes, se restringem a ações relacionadas à reprodução (sobretudo com foco nos procedimentos de vasectomia) e à saúde do trabalhador.

Já Pinheiro et al (2012), na direção dos estudos sobre a relação entre a construção social das masculinidades e o processo saúde-adoecimento-cuidado, apresentam depoimentos de homens, usuários de serviços da Atenção Primária à Saúde (APS), sobre as construções identitárias e a relação que essas mantêm com questões como o reconhecimento de problemas de saúde e a procura por cuidado.

Moreira e Lopez (2013) analisam a proposição das Políticas Nacionais de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens e do Homem (PNAISAJ e PNAISH) como instituidoras de uma nova compreensão para a atenção integral à saúde destas populações, além de investigarem como a perspectiva relacional de gênero e a masculinidade foram consideradas em cada política.

Embora haja pesquisas que colocam em discussão enfoques predominantemente biologicizantes e pouco articulados com aspectos sociais e as emergências das singularidades, entendemos ser necessário reforçar a importância de que as iniciativas no campo da saúde e das políticas públicas estejam mais atentas à maneira como afetam as produções de subjetividade, ao partirem de concepções estereotipadas e cristalizadas de homens e os diferentes percursos de construção de masculinidades.

### **3. Trabalho**

Acredito que a categoria trabalho mereça um destaque, já que escolhi um campo de atuação profissional como ponto de partida para discussão das vivências de masculinidade. Nesse grupo, foram identificados seis textos, seja abordando a dimensão de gênero de maneira mais abrangente ou, mais especificamente, as masculinidades. Eccel e Grisci (2011) sinalizam que, embora os sujeitos masculinos do trabalho sejam amplamente estudados, é importante considerá-los a partir da perspectiva de gênero e não apenas como sujeitos-padrão do trabalho, norma da qual as mulheres se distanciam.

Essa pesquisa se propõe a ter olhar sobre as relações de poder e hierarquização entre as masculinidades, e não apenas a dominação do masculino sobre o feminino. Nesse sentido, por exemplo, identifica-se a homossexualidade como algo que emerge como ameaçador e humilhante no discurso dos participantes da pesquisa. Segundo eles, trata-se de uma masculinidade subordinada em termos de legitimação social.

As autoras destacam ainda que nos ambientes organizacionais as discriminações são vivenciadas com frequência, chegando, por vezes, ao assédio moral. Elas ainda ressaltam que os significados de gênero são sempre culturalmente construídos, não sendo possível considerar sujeitos masculinos e femininos universalmente.

Considerando ambientes predominantemente masculinos, Sarate et al (2013) desenvolvem uma pesquisa em uma fábrica de cristais e em uma empresa de armazenamento e comercialização de frutas. O objetivo foi analisar como as noções de feminilidade e masculinidade afetam a organização do trabalho nessas organizações. Identificaram que, embora exista a divisão sexual do trabalho e as atividades que são desenvolvidas apenas por homens ou por mulheres – caracterizando "trabalho de homens" e "trabalho de mulheres" –, tais atividades não separam as características que são entendidas como inerentes à feminilidade e à masculinidade, cujas construções estão em quem desenvolve o trabalho.

Outro ambiente de trabalho particularmente habitado por homens é o manguezal, onde se realiza a coleta de caranguejo. Silveira e Souza (2014) desenvolveram uma pesquisa que propôs a discussão das relações entre imaginário, trabalho e sexualidade, a partir das atividades dos coletores de caranguejo que vivem na região bragantina, no chamado Salgado Paraense. A partir de uma figura mítica que habita os manguezais, discutem-se as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, considerando especificamente os homens. Neste texto, apresentam a possibilidade de que essa figura imaginária seja capaz de transfigurar a história dos disciplinamentos corporais, subvertendo-a pela força desse mito.

Ainda nesse sentido, Lacoste (2015) trata dos serviços de uma obra, ambiente também tradicionalmente ocupado por homens. Ele analisa a relação entre as representações de risco ocupacional que prevalecem entre os paraguaios trabalhadores do setor da construção de área metropolitana de Buenos Aires e o processo de exploração do seu trabalho. O autor ainda aponta que os discursos e práticas que os trabalhadores sustentam sobre os riscos envolvidos no trabalho nas obras são ancoradas em representações mais amplas de masculinidade e de classe, resultando em construções que são funcionais para o processo de produção. A partir de dados etnográficos, nota-se que essas perspectivas podem explicar as altas taxas de acidentes e informalidade que caracterizam esse setor.

O porto ferroviário também é um ambiente tradicionalmente ocupado por homens. E Costa et al (2015) desenvolveram uma pesquisa para conhecer e analisar a visão dos trabalhadores da estiva sobre a saúde e o trabalho no Porto Seco Ferroviário, do Município de Uruguaiana, no Estado do Rio Grande do Sul. Identificaram que, na perspectiva dos trabalhadores, o trabalho na estiva se distingue tanto por ser muito árduo e intenso, quanto pelo sentido de satisfação no tocante ao aspecto colaborativo e coletivo do trabalho, enfatizando essa dimensão do trabalho.

E, concluindo essa categoria sobre trabalho, identificamos um artigo que trata das atuações de homens em uma atividade tradicionalmente conduzida por mulheres, o secretariado. Nesse sentido, Bernardino e Nunes (2013) propõem uma reflexão sobre a pouca atuação masculina nessa área, analisando a linguagem como ferramenta para a construção de ideias e concepções para servir a determinado propósito. Os autores destacam que, embora haja a concepção social de que os homens contam com maior capacidade para trabalhar no campo das engenharias, medicina, ciências políticas etc, há algumas perspectivas dos estudos de gênero que podem ser consideradas como ferramentas para colocarem em questão esses "rótulos".

#### 4. Violência

Nesse campo, novamente o conceito de masculinidade hegemônica pode ficar associado à virilidade, à atividade e, de certa forma, ao exercício da violência que, muito frequentemente, é direcionada à mulher.

Dentre as produções relacionadas, Oliveira e Gomes (2011) analisaram qualitativamente 54 textos brasileiros sobre homens e violência conjugal relacionados à pesquisas ou intervenções, reforçando a importância da valorização da singularidade dos casos. Destaca-se, dentre outros aspectos, o momento em que o termo “violência contra a mulher” torna-se sinônimo de “violência conjugal”, o que, segundo Grossi (2006), acontece a partir dos anos 80. Mas, segundo, os autores, apenas dez anos depois surgem ações direcionadas ao público masculino, promovidas por organizações não governamentais. A partir daí, traça-se um panorama tanto das ações implementadas no cenário político-social, quanto daquelas iniciativas disparadas no meio acadêmico, sem, é claro, presumir que essas duas esferas seguem isoladas em suas práticas.

Barcellos e Beatriz (2013) escrevem sobre uma pesquisa realizada em 22 programas de atendimento a homens autores de violência contra mulheres, em seis países ibero-americanos, destacando a violência como algo inscrito no sistema sexo/gênero. As autoras reforçam a possibilidade de se desmitificar o autor da violência.

Ainda no campo das produções sobre violência, há alguns artigos que abordam predominantemente questões ligadas ao âmbito penal/jurídico. Carnassale (2012) desenvolveu um estudo em sua tese com o objetivo de analisar a percepção dos profissionais de saúde e dos usuários do SUS sobre a violência de gênero e a notificação compulsória de violência contra a mulher no conjunto das ações de enfrentamento, identificando uma visão conservadora acerca da construção da masculinidade e feminilidade por parte de alguns profissionais que atuam nessa rede de atenção. Já Freitas (2013) desenvolve uma análise linguístico-discursiva de dois textos judiciais que compunham um processo penal enquadrado na Lei Maria da Penha – um pedido de reconsideração de um promotor para um juiz e a decisão do juiz em resposta ao promotor. Visando observar a relação entre um fenômeno social como a violência doméstica contra a mulher e alguns fundamentos básicos que orientam os trâmites jurídicos, os resultados obtidos discutem, a partir de uma perspectiva crítica, fundamentos básicos que orientam essa cultura jurídica, tais como a igualdade de direitos, o consenso, a objetividade, a neutralidade e a transparência.

Conforme apontam diversos autores, como Barker (2015), por exemplo, vincular violência e masculinidades é quase óbvio. Ao mesmo tempo que são os principais autores de violência física e sexual contra mulheres, eles são também os principais autores e vítimas de homicídios. Assim, ao tratarmos de masculinidades, abordar o tema violência é quase inevitável, além de necessário, principalmente se considerarmos abordagens menos essencialistas e que permitam outros percursos para discussão do tema, para além das abordagens mais tradicionais, particularmente no que se refere às ações direcionadas aos próprios homens.

#### 5. Educação

Agrupamos, nesta categoria, sete produções que se referem a essa perspectiva de diferentes gerações, considerando, também, temas relacionados à crianças, jovens e pessoas idosas.

Barker (2015), que trata especificamente sobre a questão da violência e sua ligação com meninos e homens, aponta o quanto parece haver algo relativo à maneira pela qual os meninos são sociali-

zados. Mas, para além da questão da violência, nos primeiros anos de vida, especialmente no que se refere aos diversos elementos e instituições de inserção social das crianças, tais como as brincadeiras, as histórias, a escola parece ser bem relevante no processo de construção das diferentes masculinidades. E é com frequência que são apresentadas a elas perspectivas enviesadas e estereotipadas de gênero, contribuindo para o fortalecimento de posições naturalizadas e que não favorecem a equidade nesse campo. Dessa forma, olhar para as crianças e o processo de desenvolvimento e inserção social pode oferecer pistas sobre o percurso de construção das experiências no campo do gênero. Assim, com relação às crianças, Xavier Filha (2011), por exemplo, discute as representações de gênero no contexto dos contos de fada a partir de pesquisa-ação realizada com crianças em uma escola pública em Campo Grande. A autora analisa como crianças constroem essas representações a partir das descrições física e comportamental de princesas e príncipes de contos de fadas clássicos.

Carrito e Araújo (2011) tratam sobre o abandono e o fracasso escolar, presentes, principalmente, em famílias mais pobres. As autoras apontam que os níveis diferentes de desempenho para meninos e meninas trazem, para o espaço escolar, a masculinidade como categoria de análise. Elas buscam explorar o entendimento das masculinidades no campo educativo, considerando que esse ambiente é marcado por relações de poder e pouco problematizador dessas questões de gênero. As autoras propõem perguntas como: “Qual o papel da escola na formação e afirmação de diferentes formas de ser e de se construir como rapaz?” ou ainda “Que rapazes estão a ter insucesso e qual a reação estabelecida entre a desafetação escolar e a afirmação de uma masculinidade tradicional assente em valores de virilidade e afirmação?”. Já Silva (2012) elaborou uma pesquisa desenvolvida em uma escola pública da Grande Porto Alegre, onde buscou analisar a relação entre a construção das masculinidades e um *gap* que se observa na educação entre o desempenho escolar masculino e o feminino. O autor observou que, nesse processo, considerando a masculinidade hegemônica como referencial para essas construções, esse distanciamento vai conduzindo os meninos a se posicionarem de forma inferior às meninas.

Wenetz (2012) buscou mapear e problematizar as diferentes representações presentes na construção das brincadeiras e dos brinquedos de grupos de crianças do ensino fundamental, observando como o gênero atravessa/institui as ações e os discursos. A autora identificou que, durante os recreios, as crianças ocupam diversos espaços segundo o gênero, a geração e os interesses, delineando uma geografia de gênero que parece, novamente, marcada por alguns estereótipos.

Ainda sobre crianças, mas voltando-se à dimensão das feminilidades, Bueno (2012), a partir de uma etnografia comparativa com crianças de três escolas no interior de São Paulo, buscou analisar de que forma as Princesas Disney influenciam o cotidiano de crianças e se tornam alguns dos referenciais para a construção da feminilidade entre elas, evidenciando que a dimensão do gênero se aprende também brincando. E Carrito (2014) discute o condicionamento do percurso escolar dos jovens em função da construção social da masculinidade, destacando, ainda, a tensão entre sustentar uma masculinidade hegemônica, mesmo no contexto do melhor desempenho acadêmico das mulheres.

## 6. Homossexualidade/Transexualidade

As buscas referentes a masculinidades fizeram aparecer textos sobre homossexualidade e transexualidade que estão juntos nesta sessão. Faz-se necessário observar, pela quantidade de textos inicialmente identificada com esses termos, que a palavra masculinidade(s) não costuma ser utilizada nas pesquisas sobre homossexualidade ou transexualidade.

Lopes (2011), a partir do referencial teórico dos Estudos de Gênero, desde uma perspecti-

va feminista e pós-estruturalista, analisa o enunciado que articula a masculinidade homossexual a comportamentos efeminados. O autor aponta que é a abjeção a tais comportamentos que servirá de base para a construção do que se entende ser o homem gay discreto, marcadamente masculinizado. O estudo é desenvolvido a partir da análise dos textos publicados na Revista Rose, a primeira revista gay editada no Brasil, entre o final da década de 70 e início da década de 80.

Reis (2013) discorre em sua dissertação sobre o consumo, construção do corpo e a identidade de pessoas que adotam ou se identificam com a identidade gay, utilizando a noção de “gay-cidade”, percebida como uma experiência social que se difere da chamada homossexualidade. Já Miskolci (2013) desenvolve uma etnografia com homens que se apresentam como Macho ou Brother em salas de bate-papo dirigidas a um público gay e bissexual da cidade de São Paulo, buscando compreender as normas de sexualidade e o gênero desses homens que se apresentam e buscam parceiros que se descrevem como “discretos” e “fora do meio gay”.

Silva (2014), também a partir de um estudo referente a um determinado tempo histórico, aborda a volta da discussão sobre homossexualidade, construção da masculinidade e futebol a partir da divulgação na imprensa de um “selinho” entre um jogador de futebol e seu empresário. Já Camargo (2014), a partir de uma etnografia multissituada, elabora considerações antropológicas sobre a erotização de espaços com foco principal em vestiários esportivos de competições internacionais LGBT. O autor discorre sobre distanciamentos e aproximações entre banheiros e vestiários masculinos como locais em que o olhar é interdito, buscando compreender (especialmente no espaço do vestiário) as lógicas dos códigos sexuais e de gênero.

Outro tema relevante que emerge ainda no campo da homossexualidade é a homoparentalidade. Santos et al (2013) desenvolveram uma revisão da produção científica sobre o tema no período de 2000 a 2011, localizando 12 artigos e destacando a necessidade de que outras abordagens teóricas sejam acionadas para que se possa compreender o contexto desenvolvimental das famílias e casais de mesmo sexo com crianças em um cenário social em permanente transformação.

Duas das produções localizadas a partir do termo masculinidade tratam mais especificamente sobre Transexualidade. Bento (2012) desenvolve um artigo com o objetivo de apontar como um determinado conceito de gênero pode visibilizar ou invisibilizar múltiplas expressões de gênero, a exemplo das identidades trans (transexuais, travestis, *cross dress*, *drag queen*, *drag king*, transgêneros), contribuindo, assim, para sua patologização. E Almeida (2012) discute a categoria de homem trans, a qual se constrói diferenciando-se da identidade lésbica e também de expressões de gênero de outras pessoas que tiveram seus corpos definidos como femininos ao nascimento, mas que contestam essa designação, embora não se afirmem homens de forma constante. O autor discute o uso do termo “homem trans” e algumas características comuns a essas pessoas, além de problematizar a complexidade dos processos de autorreconhecimento e construção de masculinidades e ainda os efeitos políticos e subjetivos da visibilidade e da indiferenciação.

## 7. Mulheres, femininos e feminismos

Embora a busca das pesquisas tenha sido feita a partir dos termos construção de masculinidade/s, quatro produções referem-se mais diretamente a mulheres. E, de fato, pretendemos considerar a perspectiva de que masculinidades não estão necessariamente coladas a homens, conforme Costa (2002) já havia apontado:

Compreendo que os estudos sobre masculinidades são instigantes na medida em que incorporam uma perspectiva relacional de gênero. O que não impede que estudos possam ser feitos somente com homens uma vez que, nessa perspectiva, é a análise das mediações entre masculino e feminino que informa a investigação. (COSTA, 2002, p. 213).

Moura et al (2013) seguem outro percurso e tratam dos contextos de guerra e das estratégias violentas de grupos armados que passam pelo controle das masculinidades e feminilidades. Enquanto Cardoso (2014) explora o pensamento de Lelia Gonzalez, intelectual negra brasileira, defensora de um feminismo afrolatinoamericano, relacionado à recuperação dos processos de resistência e insurgência aos poderes estabelecidos.

Vale ainda destacar que, em nosso campo de pesquisa, de entrevistas basicamente com homens frentistas de postos de gasolina, donos e gerentes, o tema das mulheres foi sempre muito presente. As mulheres apareceram ali nos postos, em seus próprios corpos, e, também, em muitos discursos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a condução da pesquisa, chama-nos a atenção o quanto uma perspectiva naturalizada de uma única masculinidade atravessa várias das dimensões abordadas nessas pesquisas. Embora o próprio conceito de masculinidade hegemônica já tenha sido revisitado e rediscutido por Connel (2013), esses traços parecem entrar em cena quando, por exemplo, dentre as pesquisas que trataram sobre saúde, são identificadas políticas públicas e profissionais das redes de atendimento com olhares enviesados, com concepções restritivas de masculinidade, que pressupõem o homem heterossexual, identificado com a atividade e a virilidade. Nesse mesmo sentido, a associação da masculinidade à prática da violência também parece justificada por características que seriam naturalmente atribuídas ao homem. E, novamente, profissionais que trabalham com o atendimento de pessoas que sofrem com atos de violência ou mesmo com a abordagem dos próprios agressores também assumem essas mesmas perspectivas, marcando a interação com esses homens e restringindo suas possibilidades de deslocamento.

No contexto do trabalho, embora o homem pareça ser o sujeito padrão do contexto laborativo, nas produções encontradas, são apontados ambientes muito marcados pelo gênero, com atividade reconhecidamente característica de homens e mulheres com poucas possibilidades mais disruptivas.

Com os artigos que tratam sobre educação, percebemos que essas perspectivas restritas sobre masculinidade passam a ser engendradas desde a infância e por diferentes vias, passando pelas pessoas diretamente responsáveis pelo desenvolvimento das crianças e pela escola, que são atravessadas por elas e as reproduzem.

E os campos das vivências da sexualidade e das identidades de gênero parecem ser contextos em que essas marcas ficam ainda mais latentes: para o homem homossexual, por exemplo, há, com frequência, a orientação e a expectativa de que – uma vez não correspondendo ao padrão hegemônico masculino heterossexual – ele seja, ao menos, discreto.

Por fim, ainda que várias produções apontem para essa perspectiva de desconstrução do que seria uma única masculinidade esperada socialmente, há ainda muitas pesquisas que reforçam essas abordagens mais cristalizadas e naturalizantes. Várias delas apontam o quanto isso ainda acontece

nos mais diversos contextos e outras, em seus próprios percursos de produção, acabam reforçando essa perspectiva mais naturalizada de uma única masculinidade.

Assim, diante da análise crítica dos estudos e pesquisas encontrados sobre homens e masculinidades, talvez seja possível apontar a ausência de contradições, fissuras, rupturas, brechas, frestas, que nos permitam visualizar caminhos de transformação progressiva e efetiva. Logo, devemos apostar na necessidade de abrirmos espaço para novas construções teóricas que resgatem o caráter plural, polissêmico, político e crítico das leituras feministas para pensar os homens e as masculinidades (Medrado e Lyra, 2008).

No campo específico de pesquisa que estamos propondo, dos postos de gasolina, a partir de nossos contatos com frentistas, gerentes de postos e pelas próprias experiências vivenciadas no contexto dos postos, fica nítida a necessidade de trazer essas discussões que impactam na atuação dos homens frentistas e também das mulheres que atuam nos postos. Como já colocado, trata-se de um ambiente muito marcado pelas questões de gênero, com atividades tradicionalmente vinculadas a homens (evidenciado inclusive pelo reduzido número de mulheres frentistas) e em torno de carros, máquinas, combustíveis, lubrificantes etc (elementos de um universo tipicamente associado aos homens).

Concluimos com uma citação de Azerêdo que, apresentada em 2010, se mostra ainda tão atual:

Teorizar sobre gênero implica encrenca pela enorme complexidade desse conceito e também porque a tendência é domesticá-lo, trazê-lo para a segurança da casa, do conhecido e, sobretudo, não esvaziar de mim, me posicionando, para possibilitar o encontro do eu com o outro, percebendo como são conectadas essas figuras do encontro. Em outras palavras, para se estudar efetivamente gênero é preciso considerar os processos de subjetivação que nos constituem e também levar em conta o político, e este parece que tem sido um ponto cego nas teorizações em psicologia. (AZERÊDO, 2010, p. 184).

Conforme a autora sinaliza, é necessário então continuarmos nesse percurso de discutir as multiplicidades do campo das performatividades de gênero, politizando-as, já que essa dimensão não está isolada, ela se inscreve a todo tempo, nos discursos e nas mais diversas produções subjetivas.

## REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam; RIAL, Carmen. Uma trajetória acadêmica: entrevista com Raewyn Connell. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 21, n. 1, p. 211-231, 2013.

ALMEIDA, Guilherme. Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades?. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 20, n.2, p. 513-524, 2012.

AZERÊDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. *Revista Estudo Feministas*. Vol. 18, n. 1, p.175-188, 2010.

BARCELLOS, Elsen; BEATRIZ, Wanda. Homens e mulheres: almas gêmeas?. *Revista Estudo Feministas*. Vol. 21, nº 2, p.740-744, 2013.

BARKER, Gary. Male violence or patriarchal violence? *Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana*, n. 22, pp.316-330, 2015.

BENTO, Berenice. Sexualidade e experiências trans: do hospital a alcova. *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol.17, nº 10, p. 2.655-2.665, 2012.

BERNARDINO, Weidman Machado; NUNES, Warley Steffany. Análise dos gêneros na linguagem: a atuação e o preconceito contra os homens na área de secretariado executivo. *Revista de Gestão e Secretariado*. Vol. 4, nº 2, p. 48-72, 2013.

BUENO, Michele Escoura. *Girando entre Princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2012.

CAMARGO, Wagner Xavier. Notas etnográficas sobre vestiários e erotização de espaços esportivos. *Revista Artemis*. Vol.17, p.61-76, 2014.

CARDOSO, Claudia. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lelia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 22, n. 3, p.965-987, 2014.

CARNASSALE, Vania Denise. *Notificação de violência contra a mulher: conhecer para intervir na realidade*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem, 2012.

CARRITO, Maria Manuela Ribeiro. *A palavra aos jovens: a construção social das masculinidades e a desafetação escolar*. Tese de doutorado, Universidade do Porto, 2014.

CARRITO, Maria Manuela; ARAÚJO, Helena. C. Insucesso e abandono escolar e a construção social da masculinidade. *Atas do XI da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Instituto Politécnico da Guarda. Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal*, 2011.

CONNEL, Robert W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 21, n. 1, p.241-282, 2013.

COSTA, Rosely. Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades. *Gênero em matizes*. Org. Heloísa Buarque de Almeida; Rosely Gomes Costa; Martha Celia Ramires, Érica Renata de Souza, Bragança Paulista, 2002.

COSTA, Valdeci; SOUZA, Katia Reis; TEIXEIRA, Liliane Reis; HEDLUND, Charles Jopar; FILHO, Luiz Antonio Fernandes; CARDOSO, Leticia Silveira. Saúde e trabalho na visão de trabalhadores da estiva do Porto Ferroviário no Rio Grande do Sul. *Ciência & Saúde Coletiva*. Abril de 2015. Vol. 20, n. 4, p. 1207-1227, 2015.

ECCEL, Claudia Sirangelo; GRISCI, Carmem Ligia Iochins. Trabalho e gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres. *Cadernos EBAPE.BR*. Vol. 9, n. 1, p.57-78, 2011.

FERNANDES, L. A. B. *Afinal, o que querem os homens?: um estudo da masculinidade*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, 2011.

FREITAS, Lucia. Análise crítica do discurso em dois textos penais sobre a Lei Maria da Penha. *Alfa: Revista de Linguística*. Vol. 57, n. 1, p.11-36, 2013.

GROSSI, Miriam Pilar; Minella LS; Losso JCM, or. *Gênero e violência, pesquisas acadêmicas brasileiras (1975-2005)*. Florianópolis: Mulheres, 2006.

JESUS, Diego Santos Vieira. Bravos novos mundos: uma leitura pós-colonialista sobre masculinidades ocidentais. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 19, n. 1, p.125-140, 2011.

LACOSTE, Alvaro Del Aguila. “El que no se la banca, mejor que se dedique a outra cosa”: riesgo, masculinidade y classe social entre trabajadores paraguayos em la indústria de la construcción del Área Metropolitana de Buenos Aires. *Runa: archivo para las ciencias del hombre*. Vol. 36, nº 1, p.51-72, 2015.

LAGO, Mara Coelho de Souza; WOLFF, Cristina Scheibe. *Masculinidades, diferenças, hegemonias*. Revista Estudos Feministas, Vol.21, n.1, p.233-241, 2013.

LOPES, C. R. R. S. *Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto: produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. *Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades*, 2008.

MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas*. Janeiro de 2013. Vol. 21, n. 1, p. 301-325, 2013.

MOREIRA, Martha Cristina Nunes; LOPEZ, Silvia Brãna. Políticas Nacionais de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes Jovens e à Saúde do Homem: interlocuções políticas e masculinidade. *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol. 18, n. 3, p.743-752, 2013.

MOURA, Tatiana; ROQUE, Silvia; GARRAIO, Julia. Mulheres e guerras: representações e estratégias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Vol. 96, p. 5-8, 2013.

NASCIMENTO, Marcos; CARRARA, Sergio. Sobre Homens, saúde e políticas públicas: a equidade de gênero em questão. *Ciência & Saúde Coletiva*. Outubro de 2012. Vol. 17, nº 10, 2012.

OLIVEIRA, Kátia Lenz Cesar de; GOMES, Romeu. Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol. 16, nº 5, p. 2.401-2.413, 2011.

PINHEIRO, Thiago. F.; COUTO, Marcia T; SILVA, Geórgia S. Nogueira da. 2012. Homens e cuidado: construções da masculinidade na saúde pública brasileira. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*. Vol. 2, nº 2, p. 177-195, 2012.

REIS, D. N. M. *Homens distintos: consumo, construção do corpo e identidade gay viril*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.

SARATE, João Alberto; JOB, Janos; PICCININI, Valmira Carolina; ULLRICH, Danielle Regina. Femenidad y Masculinidad en la Organización Del Trabajo. *Invenio: Revista de investigación académica*. Vol. 30, p.111-126, 2013.

SILVEIRA, Flacio Leonel Abreu da; SOUZA, Camilla da Silva. Imaginário, trabalho e sexualidade entre os coletores de caranguejo do Salgado Paraense. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 22, nº 3, p. 755-781, 2014.

VILELLA, Wilza Vieira; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Gênero, uma categoria útil (para orientar políticas)? *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol. 17, n. 10, 2012.

SANTOS, Yurín Garcêz de Souza; SANTOS, Manoel Antônio; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Vol. 26, n° 3, p. 572-582, 2013.

SILVA, L. F. da S. *Mind the gap: processos de construção e manutenção das masculinidades e distanciamentos no desempenho escolar de meninos e meninas*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

SILVA, Kelvin Emmanuel Pereira da. Da Coligay ao Sheik: (re)produção da homossexualidade no espaço de masculinidades: uma análise de discursos no campo futebolístico. *Oficina do Historiador*. Vol. 7 (supl), p. 1.956-1.970, 2014.

WENETZ, I. S. *Presentes na escola e ausentes na rua: brincadeiras de crianças marcadas pelo gênero e pela sexualidade*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

XAVIER FILHA, C. Era uma vez uma princesa e um príncipe. Representações de gênero nas narrativas de crianças. *Revista Estudos Feministas*. Vol.19, n. 2, p.591-603, 2011.